

A coesão social em tempo de revolta

por Mário Soares

Realizou-se na Fundação Gulbenkian, organizada pelo Conselho Económico e Social, presidido pelo professor Doutor Alfredo Bruto da Costa, que é também, agora, presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz, a Conferência "Construir a Coesão Social". Teve lugar na passada segunda-feira, 27 de Abril, com o concurso da Conselho da Europa e da Comissão Europeia. Foi uma Conferência muito interessante, nos tempos que correm.

Realmente, a coesão social é um tema de grande actualidade, dada a crise global que afecta o Mundo, A União Europeia e, como é óbvio, também Portugal.

Porquê? Porque a coesão social é um conceito, extremamente rico, que implica bem-estar colectivo, emprego digno, redução das desigualdades, políticas coerentes de protecção social, coexistência pacífica, entre povos e culturas, participação cívica, respeito pelos Direitos Humanos e, em especial, pela defesa do Planeta, ameaçado. Além disso, pressupõe igualdade entre mulheres e homens, jovens e idosos, a integração dos emigrantes, tendo em conta as suas diversidades culturais, religiosas e civilizacionais. A coesão social está nos antípodas da fragmentação ou pior: da desagregação social.

Ora, em tempo de crise global, com o desemprego a crescer em flecha, por toda a parte - veja-se o que se está a passar na nossa vizinha Espanha - com o aumento das falências das pequenas e médias empresas, o mal-estar, os conflitos, os descontentamentos e as revoltas, crescem inevitavelmente. As desigualdades aprofundam-se como as exclusões, com afloramentos de violência, que são preocupantes, tendo em vista o futuro, cada vez mais incerto...

As revoluções, tipo Revolução dos Cravos, com objectivos nobres e sem efusão de sangue, bem como as grandes manifestações, bem enquadradas por Sindicatos responsáveis, parecem-nos agora pertencentes ao passado. Os conflitos violentos inter-Estados - alguns ainda existem - mas também se julga pertencerem ao velho - e tão distante - século XX. Agora, a violência que temos pela frente, tem raízes distintas, é: esponteinista, destrutiva, individualista. Escapa ao controlo dos Governos, dos Partidos e dos Sindicatos e não tem raízes ideológicas. Nasce do mal-estar social, e é alimentada pela televisão e pela internet. É a expressão da revolta em estado puro, que ultrapassa fronteiras e continentes. Há, com efeito, um rasto de mal-estar, que sopra da crise global, que nos afecta a todos e que o estimula e alimenta.

É uma das razões pelas quais entendo que precisamos, urgentemente, de mudar de paradigma político, económico e social. E criar um novo sistema que gere entusiasmo, confiança e mobilize os novos. A América está a viver uma nova era - com contradições e dificuldades, é certo - mas que restituiu, a mais de metade da população, a confiança e o militantismo cívico. A União Europeia, pelo contrário, alimentando divisões próprias de um nacionalismo serôdio, paralisada pelo impasse institucional e pela falta de convergência no ataque à crise, está a corroer o belo sonho europeu, de unidade e solidariedade entre os Estados, com um modelo social progressista, que nos trouxe trinta anos gloriosos de bem-estar. Hoje, perante a crise, está a reagir da pior maneira. Não infunde confiança aos europeus, não os mobiliza, parece não ter projecto. Tudo continua na mesma, excepto os pobres, os desempregados, os imigrantes, os socialmente excluídos e a revolta, que não param de crescer. Pior: estão a entrar em desespero. Só um grande esforço, unânime, de coesão social os poderá conter.

Mário Soares

Lisboa, 30 de Abril de 2009